Entrevista ao Dr. João Paulo Esperança

docente do Instituto Camões em Díli

1 – "A letra adormece para acordar diferente. A obra literária (de littera) tem a vida que eu, leitor, lhe insuflo, é na minha consciência que emerge do reino do nada, só ressuscita quando volta a significar (latu sensu) e só significa mediante os leitores, um leitor."* A propósito da Literatura e, partindo da sua experiência como leitor, concorda com esta afirmação?

JPE – Sim. A escrita é simultaneamente uma experiência solitária, às vezes terrivelmente solitária, e um acto de comunicação com os outros. Não acredito muito nos escritores que dizem que escrevem só porque uma pulsão interior os obriga a isso, como se a escrita fosse um fim em si mesmo. Qualquer escritor escreve para que alguém leia o que escreve. Mas logo que a obra é dada à luz passa a estar disponível para que os leitores se apropriem dela, e lhe dêem inclusivamente interpretações múltiplas.

2 – Como é que define Literatura ou, se preferir, o que é que esta arte significa para si?

JPE – Venho de um meio social de horizontes limitados, pelo que sou sincero se disser os livros fizeram de mim o que sou e ensinaram-me parte significativa do que sei. Foram também a primeira forma de viagem que explorei. Aliás, desde a infância que "visito" estas vossas paragens da Insulíndia, na companhia de Sandokan e do seu amigo português, Eanes. A Literatura é uma das mais formidáveis criações do espírito humano, aliás não foi por acaso que começou por ter um carácter sagrado, e permite ao Homem elevar-se acima de si mesmo. E educa o pensamento, e até as emoções...

3 – Para si, qual é o papel que a Literatura desempenha actualmente?

JPE – Há uma frase célebre que diz qualquer coisa como "é um erro pensar que um pequeno grupo de pessoas animadas por uma ideia não pode mudar o mundo, na verdade são os únicos que o têm feito ao longo da História". A Literatura faz surgir ideias novas e põe essas ideias a circular. Sem isso ficaríamos fechados numa caixinha sem portas nem janelas, sem consciência do mundo, ou dos mundos, que há lá fora. Como dizia o Zeca Afonso numa cantiga: "há quem viva sem dar por nada, há quem morra sem tal saber"... Eu sou dos que acredita que a humanidade anda para a frente, e a Literatura tem um papel nessa caminhada.

4 – Poderia falar-nos um pouco sobre as suas experiências de leitura de autores do espaço lusófono?

JPE – Bem, primeiro o que é isso da lusofonia? Acho que cá em Timor nem sempre o conceito é bem compreendido. É muito mais do que um conjunto de lugares do mundo onde as pessoas falam português. Portugal, Guiné-Bissau, Moçambique, Brasil, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Galiza, as comunidades de portugueses e luso-descendentes espalhadas pelo mundo, constituídas por milhões de pessoas, os católicos falantes de papiá kristang de Malaca, macaenses, goeses... toda esta gente faz parte de uma comunidade de afectos. Há dentro deste universo da lusofonia bastantes pessoas que não dominam a língua portuguesa, mas que partilham traços culturais, tradições e uma História com muito em comum. Sem que isto tenha nada a ver com xenofobia, a verdade é que em Portugal, onde há muitos imigrantes dos países ex-comunistas da Europa de Leste e das nações da lusofonia, sinto como menos estrangeiro um angolano ou um brasileiro do que um russo ou um romeno. Da mesma forma, parece-me que a maior parte dos timorenses que tenho conhecido me vê como sendo menos estrangeiro cá em Timor do que um australiano ou um japonês, p.ex.. A Literatura destes muitos sítios da Lusofonia, que leio com frequência, ajudou-me a estreitar os laços, a conhecer melhor as muitas culturas que convivem dentro desta grande cultura.

5 – O Dr. João Paulo Esperança já deu aulas de Literatura no Departamento de Língua Portuguesa da UNTL. Qual foi a mensagem, enquanto leitor e professor, que tentou fazer passar aos alunos, sobre o "prazer" da leitura?

JPE – Devo começar por dizer que não sou especialista em literatura, dei aulas de Literatura Timorense apenas porque conheço bem as obras em causa. Convivo com Timor, e com os livros de Timor e sobre Timor há 12 anos. É de assinalar que a literatura timorense é quase exclusivamente escrita em português. Se não me engano o Abé Barreto tem uns livros de poesia em língua indonésia publicados na Holanda, mas de resto fizeram a sua obra em língua portuguesa os escritores e poetas timorenses Luís Cardoso, Fernando Sylvan, Xanana Gusmão, João Aparício, Henrique Borges (que assina Ponte Pedrinha), Crisódio Araújo, Borja da Costa, Jorge Barros Duarte... A chamada Literatura Oral e Tradicional é evidentemente um caso à parte, já que só existe nas dezasseis línguas autóctones de Timor-Leste.

Tentei sensibilizar os alunos para o muito que a literatura lhes pode ensinar, mesmo sobre si próprios. Foi por exemplo uma experiência muito interessante analisar a "Crónica de uma Travessia", do Luís Cardoso, com uma turmade alunos mais ou menos da faixa etária dele, que viveram o Timor que ali é descrito, e que se divertiram muito com a ironia simpática com que a imagem desse Timor é reflectida no livro.

6 – Poeta lírico, romancista ou contista – em qual das categorias se inscreveria?

JPE – Prefiro pensar em mim como um contador de histórias. Tive aliás uma excelente mestra, a minha "abó-bisa", Cármina Escudeira, que encheu de maravilhoso a minha infância, contando-me histórias incríveis e recheadas de palavrões capazes de fazer corar um camionista ou um militar. Era uma mulher do Norte [de Portugal], das antigas. Mas guardo muitas das minhas histórias na gaveta, a fermentar.

7 – Qual é o livro da sua vida?

JPE – São muitos. Mas há alguns livros que fazem habitualmente parte da minha bagagem e que também trouxe para Timor. Há por exemplo um livro que costumo ler para me rir quando estou deprimido, chama-se "A quatro mãos", de Paco Ignacio Taibo II, um escritor do México. Mas creio que o livro que considerado individualmente provavelmente mais marcou a minha vida foi "The Razor's Edge – O Fio da Navalha", de Sommerset Maugham. E faço proselitismo... Quando vou a Lisboa passo pelos alfarrabistas – lá há livros baratos – e compro todos os exemplares que encontro, depois vou-nos oferecendo.

* Coelho, Jacinto Prado – A Letra e o Leitor. Porto, Lello & Irmão Editores, 1996, p. 5

destacável - Jornal **Semanário** - não pode ser vendido separadamente

VÁRZEA DE LETRAS

Jornal Literário
Directora - Urraca Corte Real
Bilingue Português/Tétum
Edição - 003
Abril - 2004
apoio: Ministério dos Negócios Estrangeiros
INSTITUTO CAMÕES

Seriam uns «Timoríadas»?

"Na terra dos sonhos, podes ser quem tu és, ninguém te leva a mal", verdadeiramente o canta Jorge Palma. Podemos defender-nos da vida, através da literatura, retomando, com alguma liberdade, uma das palavras dos versos de Alexandre O'Neill, acima transcritos em epígrafe. Na primeira aula de Literatura Portuguesa I, do segundo semestre, os alunos falaram sobre aquilo que gostariam de escrever se um dia fossem, quem sabe, romancistas, contistas ou poetas...aqui fica o resultado: "Se fosse um escritor, escreveria sobre a cultura da minha terra (Carla Lay); gostaria de escrever sobre a juventude timorense, sobre os seus problemas e sobre como poderia ajudar a resolvê-los– sugeriria às novas instituições uma reflexão sobre o assunto (Filomena Lay Guterres). Se eu fosse um escritor, elaboraria uma obra cultural sobre Timor, conforme a literatura e as variedades regionais (Manuel da Costa), por exemplo, sobre o barlaque e a origem do nome de cada terra (Joana Maria de Almeida) ... a influência da cultura estrangei... a parte positiva e a parte ne... Soares). Escrev... entidade cu...

própria identidade (Januário Simões). Falaria sobre tudo o que se passou na minha juventude – sobre a infância junto aos meus avós (Clarisa Jerónimo), ou sobre a minha infância até à presente data (Alcina Tilman); escreveria poemas e lendas educativas, pois estas podemdivertir e orientar as crianças para a

, uma realidade, através do seu pensamento literário (Lídia Lourdes). Falaria do meu trabalho, na escola, como professora, (de 1970 a 1975), como directora (de 1980 a 1999), sobre a minha vida de estudante (de 1999 até 2004) e sobre a minha aldeia, nos períodos português, indonésio e actual (Maria Joana Barbosa). Gostaria de escr... sobre a ... tal...

"Mas defendi-me e agora escrevo Furiosament... agor...

*"Na terra dos sonhos, não há pó nas entrelinhas, ninguém te pode enganar... "**

Um divórcio cósmico

Ivette C...